3.º ANNO — Sexta-feira, 25 de Novembro de 1910 — NUMERO 145

O DEMOCRATA

Orgão do Partido Republicano no districto de Aveiro

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 réis
Brazil (anno) moeda forte	2$500 réis
Avulso	20 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Empreza do DEMOCRATA

Officina de composição, Rua Direita—Impresso na typographia de José da Silva, Largo do Espirito Santo

Editor — ALBERTO SOUTO

ANNUNCIOS

Por linha	40 réis
Communicados	20 réis

Annuncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Organisação e propaganda

Sob o titulo acima o nosso illustre collega *A Capital*, publicou um substancioso artigo, o qual muito importa conhecer pela sã doutrina que encerra. Esse artigo de applicação geral, tem particular referencia para este districto, de longa data subjugado pelo dispotismo partidario dos *caciques* varios.

E' facto que a administração e o proprio governo do paiz estavam guardados na mão dos nefastos partidos da monarchia, os quaes por sua vez eram representados por uma meia duzia de influentes que tudo absorviam para seu valor pessoal e augmento do seu poderio. Decorreram os annos, e com o lamentavel estado a que baixou a administração publica, o povo chegou a descrêr dos homens que constituiam aquelles partidos definindo-os pela singella mas significativa expressão — tão bons são uns como os outros.

A consciencia popular, porém, extenuada de organisações e governos estereis, offensivos do senso moral, impôz, n'um extremo arranco do seu marasmo, que se formasse um governo para governar e não para governichar, um governo para administrar e não para despachar e explorar a empregomania; um governo apoiado no sentimento nacional e não no interesse de syndicatos ou de corrilhos.

Um governo n'estas condições só o partido republicano o podia dar. Comprehendel-o, auxilial-o, é obrigação que se impõe a todo o portuguez. Este partido, com os seus principios, a sua organisação democratica o que deseja é que todos os honrados e laboriosos portuguezes possam intervir no governo do paiz para bem da patria e da republica, que a seu tempo precisará de ter a sancção que só o povo póde dar-lhe. Tratem todos de conhecer os principios e o plano do partido, a sua acção, principalmente nos tempos de propaganda e de lucta com toda a casta de hypocritas e de fanaticos. E' preciso que todo o cidadão se compenetre dos seus deveres civicos e que deixe de ser o homem inculto e indifferente para ser o patriota.

Com a devida vénia, copiamos os seguintes periodos:

«... *E' necessario que o partido continue n'esse movimento de congregação de todas as suas forças e de incessante proselytismo das suas ideias, dos seus processos. Tudo o que não seja isso, poderá quando muito, dar uma apparencia de democratisação do paiz. Para que ella seja funda, intima e indelevel, o que se precisa é essa obra de verdadeira educação civica que accorda no homem, o cidadão, o patriota, o democrata.*

«... *Uma grande parte de Portugal necessita equiparar-se á parte que já sabe o que é a Republica, e por isso a ama, a serve e a torna prestigiosa e forte*».

A propaganda e a organisação do partido republicano, que são a sua razão de ser, tem ahi vasto campo para se desenvolver, amparando da unica maneira logica e definitiva a consolidação da Republica.

NÃO ADMITTIMOS

Recebemos do sr. Duarte Mendes da Costa, uma longa carta em que o director da Escola Districtal, começa por nos chamar *grande cidadão* entremeando depois este tratamento com o de *jornalista de valor*.

Ora como nem uma nem outra coisa somos, isto é, como de *grande* só temos a estatura e de *jornalista* nunca tivemos pretenções, desculpes nos o sr. Duarte Costa, mas não o podemos attender nos desejos que manifesta de vêr publicada em lettra redonda, pelo menos n'estas columnas, a sua missiva.

Nada. Repugnou-nos sempre o sabujismo e por isso não podemos de fórma alguma pactuar com elle.

Quanto mais, sendo desmarcado, como o do sr. Duarte Costa...

CORRE DE BOCCA EM BOCCA:

Que o Félix Feliz, para acompanhar o patrão, afina com elle nos mesmos carapetões.

—Que esta dos dois partidos cá na freguezia, dá vontade de morrer a rir.

—Que bem certo é o annexim: quem te manda a ti sapateiro tocar rabecão.

—Que o padre Pato é que cahiu como um *dito*, nas garras da policia.

—Que lhe perguntavam: *onde está a chave que te dei para guardar?...*

—Que elle sabendo o resto da cantiga embirrou em não responder.

—Que tanto teimou, tanto teimou que o trouxeram para onde já esteve o Alberto Rosa, n'umas horas de descanço.

—Que este esfregava as mãos e dizia: meninos, *quem a ferros mata a ferros morre.*

—Que afinal, e antes assim, o padre Pato não morreu e sempre se resolveu a *ceder*.

—Que para este tão triste final não valia a pena tanto barulho.

—Que como desforra, quando lhe abriram a gaiola sempre deu o *estalinho*.

—Que no dia seguinte ao da tragedia andou como um *pato* pelas ruas da cidade.

—Que esperava grandes manifestações e espantos mas a indifferença foi geral.

—Què hoje em dia é bem difficil com proveito, armar qualquer pandigo, em martyr.

—Que no entanto conseguiu do *Mijareta* a promessa de patrocinar-lhe a questão.

—Que falta ainda pronunciar-se no caso o velho jurisconsulto Athanasio de Requeixo.

—Que temos por ahi processo, igual ao annunciado, no *suprimento* contra o celebrado Vaz Ferreira.

—Que ninguem tira da mioleira de este parvo a mania de farroncadas inuteis.

—Que só a *Cleopatra* o convence quando lhe apalpa as *tabaqueiras*.

—Que na mansão *celestial* já se vestem de roxo por estar proxima a paixão.

—Que depois da *paixão* seguir-se-ha a *morte*, sem o *resurrecit* do costume.

—Que não era preciso ser-se bruxo para se prever que tudo isto acabava triste.

—Que o *Alquerubim Duval*, continua embirrando com a Republica a valer.

—Que o *Duvalsinho* deve ser mais humano e lembrar-se que *adheriu*...

—Que o *Bébes* na questão da Republica, foi a primeira vez que *não tomou nada*.

—Que por isso continua qual Tolstoi murtozeiro, a fallar de cathedra.

—Que como sempre, fallando bem até faz gosto ouvil-o constantemente.

—Que o augmento da doença do somno se attribue á propaganda dos seus escriptos.

—Que o amigo que protesta contra a sahida dos naturalistas, especialistas e dentistas.

—Que estavam todos no Quelhas com as suas colleções de *cecideas lepidopteros fungos diatomaceas, meyxomycetos* e boas *pecegas*.

—Que os revolucionarios talvez tivessem estragado.

—Que se deve queixar contra os referidos dentistas que em provocação fusilavam os transeuntes.

—Que essa rica marmanjada deveria fazer parte tambem das colleções.

—Que talvez se assim fizessem *não se affrontaria o paiz que os baniu*...

—Que o *palerma* que descreveu no *Correio* a visita do ministro, ficou com a mioleira a arder.

—Que raras vezes se podem reunir em tão poucas palavras tantos disparates.

—Que o *Duvalsinho* deve olhar com olhos de ver para aquellas baboseiras.

—Que o *Progresso* cada vez melhor deu agora em publicar annexins para *puritanos*...

—Que junto com elles vem asneiras d'este calibre:

—Que consta que Magalhães Lima é esperado em Aveiro, *rosnando* que d'esta vez...

—Que assim não se sabe ao certo quem *rosna*, mas deve ser o *Progresso*.

—Que tanto é o *Progresso* que lá está o *Gabriel* a asnear com os dois partidos.

—Que o mesmo *canudo* lá vem affirmando que a *bécada* nunca perseguiu ninguem.

—Que alguns empregados de confiança votaram até claramente nos republicanos.

—Que apezar d'isso nunca a *bécada* pediu que com elles uma só vez votassem.

—Què o *Progresso* se esquece de dizer o resto de tanto *liberalismo*.

—Que não lhe pediam o voto mas traiçoeiro e cynicamente lhes preparavam as transferencias com processos infamantes.

—Que faziam o seu jogo de porta, mas que todos lhe conheciam as manhas.

—Que afinal quem dá o que tem não é mais obrigado.

—Que se tivessem vergonha a nada d'isso alludiam mas...

—Que quem a não tem, todo o mundo é seu, e é bem certo.

—Que o *adhesivo* da adhesão do Salomãosinho não pegou.

—Que por não pegar o mandaram... prégar a outra freguezia.

—Que até parece troça, pregaram-lhe com os bentos ossos em... Cantanhede...

Estamos auctorisados a affirmar d'uma maneira cathegorica que o sr. tenente de cavallaria Gusmão Calheiros, a quem a opinião publica attribuia a dadiva de 3$000 réis para o *fundo de propaganda* do *Pulha d'Aveiro*, não é o *official do exercito* que n'aquelle pasquim figurou como subscriptor da mesma quantia, pois reconhecemos agora que o citado official era incapaz de esconder o seu nome n'esse ou n'outro acto que de qualquer fórma podesse envolver responsabilidade moral.

Quem seria então o OFFICIAL DO EXERCITO da guarnição de Aveiro que deu os 3$000 réis para ajudar o malandrim a aggredir os republicanos?

Quem seria esse nosso inimigo, não se poderá saber?

Eleição de commissões

Realisaram-se no ultimo sabbado, nas salas do *Centro Republicano*, as eleições das commissões municipal e parochiaes das duas freguezias da cidade, que déram o resultado seguinte:

Commissão Municipal

Effectivos—: *Dr. Antonio Marques da Costa, Dr. Alberto Ruella, Manuel Barreiros de Macedo, Antonio Augusto da Silva, João Pereira Campos, Antonio José Marques, Francisco Marques da Silva.*

Substitutos—: *Dr. Armando da Cunha Azevedo, Dr. Eduardo Silva, Mannes Nogueira, João Rosa, Francisco Ferreira da Encarnação, José Maria Paulino, Octavio de Pinho.*

Commissão Parochial da Vera-Cruz

Effectivos—: *Ruy da Cunha e Costa, Antonio Villar, Elias dos Santos Urbano, Manuel Silva, Francisco de Mattos Junior.*

Substitutos—: *Elysiario Dias Moreira, Manuel Calmão Ravara, Jorge Pereira da Silva, Manuel Rodrigues da Graça Paula, Domingos Francisco Coelho.*

Commissão Parochial da Gloria

Effectivos—: *Manuel Marques da Cunha, José da Fonseca Prat, Antonio Henriques Maximo Junior, Eduardo Trindade, Manuel Augusto da Silva.*

Substitutos—: *Henrique Brito, Manuel Ribeiro, José Augusto, João Gamellas, João de Deus Marques.*

FÓRA!

Fóra é o termo que mais se coaduna ao caso sujeito e que empregaremos até que a esta cidade seja feita justiça, apeando o sr. Duarte Costa, director da Escola Districtal, dos logares que alli tão indignamente exerce. Pois quê?! Então poderá continuar á frente d'um estabelecimento de educação d'aquella natureza, um professor que d'aqui havia sido escorraçado por se lhe provar que pedia dinheiro aos alumnos, que os aconselhava á revolta, que dormia nas aulas e até nos exames, que não ensinava e que não explicava nem explica as lições?!

Senhor Ministro do Interior: pedindo justiça, cumprimos o nosso dever e temos direito a ser attendidos. O sr. Duarte Costa póde ser dimittido do logar que exerce, pois está incurso, e como reincidente, no disposto no art.º 247.º da legislação primaria em vigor.

Manifesta verdadeira incapacidade intellectual e moral, motivo mais que sufficiente para ser, pelo menos, aposentado.

E, se V.Ex.ª sr. ministro, lhe mandar fazer um exame medico, encontrar-lhe-ha manifestos signaes de desarranjo mental, pelo que se lhe distinará por certo, logar mais proprio.

Mas nós não desejamos mais; queremos apenas que elle abandone o logar que actualmente exerce e onde constitue um perigo imminente, além de um trambolho no avanço intellectual e moral a que a sociedade tem direito e de que precisa.

Duarte Costa, emquanto hade ensinar., faz referencias desagradaveis aos collegas, discute as escolas por onde adquirira os diplomas, lê cartas e passa elogios á sua pessoa, á intelligencia dos filhos e d'outros parentes, etc. Como as creanças e os loucos, ora diz que gosta de estar em Aveiro e na escola hade permanecer por muitos annos, ora dá a sua palavra d'honra de que não gosta de cá estar. De aggredir os collegas é que se não esquece. E' um inconstante e mau, digno talvez da nossa commiseração, se não offerecesse um grande perigo na sociedade.

Fóra, pois, para moralidade do estabelecimento, socego e beneficio dos alumnos e de seus paes, da instrucção e da sociedade.

Reforma administrativa

E' prematuro tudo quanto se diga sobre a supressão do districto d'Aveiro

Lisboa, 21 ás 6,30 t.

O sr. ministro do interior dr. Antonio José d'Almeida, recebeu hoje ás 2 horas da tarde as commissões d'Aveiro nomeadas pelo *Centro Republicano* e *Associação Commercial*, que aqui vieram propositadamente solicitar do governo provisorio da Republica a conservação do districto d'Aveiro.

Apresentou-as o illustre governador civil d'esse districto, sr. Albano Coutinho que depois de cumprimentar o governo na pessoa do sr. ministro do interior advogou a nossa causa em termos calorosos concluindo por pedir ao governo que se interesse o mais possivel pela nossa terra.

Respondeu-lhe o sr. dr. Antonio José d'Almeida que principiou por agradecer os cumprimentos que lhe foram dirigidos e ao governo, explicando em seguida que ainda nada estava resolvido sobre a nova reforma administrativa pelo que era prematuro tudo quanto a tal respeito se tem propalado.

Que o governo estava na melhor disposição de fazer justiça a todos e que por isso o melhor, era aguardar resoluções que fatalmente hão-de ser tomadas em harmonia com as informações que vão ser pedidas ás differentes collectividades, interessadas mais ou menos no assumpto.

Assistiram á entrevista do ministro do interior com as commissões, os srs. general Moraes Sarmento, dr. Magalhães Lima e dr. Barbosa de Magalhães que secundaram o pedido feito pelos aveirenses.

A *Associação Commercial* era representada pelos cidadãos dr. Mello Freitas, dr. Joaquim Peixinho, dr. Pereira da Cruz, E. Osorio, J. Salgueiro, Manuel Cunha, Antonio Maria Ferreira, J. Silva, Pompeu da Costa Pereira. D. Campos, J. Felix, Thomaz Vicente Ferreira, Manuel Barreiros de Macedo, Antonio Ratolla, A. Esteves, Ignacio Cunha, Francisco Coelho, Antonio Henriques Maximo, Domingos João dos Reis, José dos Reis, Luiz Henriquea, Jacintho Rebocho, João Trindade, José Marques d'Almeida, Manuel dos Reis, Antonio Pedrosa, José Gonçalves Gamellas, José N. Branco, Manuel Ferreira, Augusto Reis, José Augusto Ferreira, Jayme e Antonio Coelho, tendo-se-lhe aqui agregado entre outros, cujos nomes nos não occorrem agora, os srs. João dos Santos Silva, Arthur Vieira de Carvalho, João Machado, tenente Maia Magalhães. Amandio de Souza, etc.

Todos ficaram immensamente satisfeitos com a resposta do ministro.

Os delegados do partido republicano, que são, como se sabe, os srs. dr. André dos Reis, Antonio Augusto da Silva, Alfredo Lima Castro e o director do *Democrata*, conferenciaram em seguida com o nosso eminente correligionario dr. Magalhães Lima sobre a sua proxima ida a Aveiro que talvez se realise no proximo domingo.

* * *

Lisboa, 22 t.

Partiu hoje no rapido das 5 e meia da tarde o maior numero dos commissionados republicanos e da *Associação Commercial* que vieram representar ao governo o favor da conservação do districto d'Aveiro.

As informações dadas por quasi todos os jornaes da capital ácerca d'este assumpto são tudo quanto ha de phantastico e estrambotico, parecendo impossivel como haja tão pouco cuidado por parte dos reporteres, em colher essas informações.

O *Seculo*, por exemplo, diz hoje, além d'outros disparates sem pés nem cabeça, que o sr. dr. André Reis entregou ao governo uma representação com 5:000 assignaturas! Vejam e pasmem!

E como se isto ainda não fosse pouco colheu na redacção perto de duas duzias de patricios nossos, com o *Mijareta* á frente, e zás, tira-lhes o retrato e publica-o hoje, encimado com estas palavras: *Escursões democraticas. A de Aveiro cumprimenta o ministro do interior*, etc.

Vejam e pasmem, repetimos! O *Mijareta* a fazer parte d'uma excursão democratica, é o cumulo! Não calculam o quanto nos temos rido com tudo isto. Nós e muitos patricios nossos aqui residentes que conhecem de gingeira o hominho... O que vale é que o telegramma d'elle na *Lucta* d'esta manhã em resposta a uma carta publicada na *Capital* pelo nosso correligionario dr. Marques da Costa, diz bem dos sentimentos democraticos do ex-redactor do *Jornal d'Aveiro* e posterior da *Beira Mar*.

Mas isso são contos largos que devidamente havemos de tratar.

* * *

Lisboa, 23 t.

Quasi todos os jornaes da manhã rectificam a noticia que hontem deram sobre a vinda das commissões d'Aveiro, da *Associação Commercial* e do *Centro Republicano*, á capital, para tratarem de assumptos relativos ao districto.

Ainda bem que assim acontece pois não ha nada peior para nós do que o falseamento da verdade.

A *Lucta* publica uma carta

do nosso correligionario dr. Marques da Costa. E' a resposta ao telegramma do *Mijareta*, cujas proezas são aqui talvez mais conhecidas, que na propria terra onde as tem praticado. Tenho sabido coisas mirabolantes d'essa creatura... O que elle faria se o deixassem...

═D'aqui a pouco deve realisar-se uma imponente manifestação ao Directorio Republicano promovida pelas commissões partidarias de todo o districto de Lisboa que á hora a que lanço esta já estão a reunir-se no Largo do Pelourinho, em frente á camara municipal.

O cortejo que d'ali parte para o Largo de S. Carlos com musicas e bandeiras deve ser grandioso, attento o grande numero de collectividades que n'elle tomam parte.

Iremos vel-o.

═Por causa da sahida do ministerio do sr. dr. Antonio Luiz Gomes, que em breve parte para o Brazil como embaixador da Republica Portugueza, foi escolhido para o substituir, como ministro do fomento, o director da *Lucta*, dr. Brito Camacho, que acceitou o encargo.

A posse foi-lhe conferida hoje.

═Partiu no rapido de ha pouco para essa cidade o sr. Albano Coutinho, governador do districto d'Aveiro.

═Discute-se aqui muito os chapeus da ultima moda que as senhoras usam, extremamente exagerados, e as saias de pouca róda e afuniladas que já fizeram, com que o publico as appelidasse de *travadinhas*.

Nunca vimos nada mais ridiculo.

═No *Theatro da Republica*, um dos mais elegantes de Lisboa, está sendo representado com grande exito *O Convertido* em que Chaby, Augusto Rosa, Angela Pinto e Adelina Abanches desempenham importantes papeis.

As enchentes succedem-se todas as noites não regateando o publico applausos á companhia.

═Por iniciativa do chefe de meza do *Hotel Francfort* de que é proprietario o sr. João Narciso da Silva, foi ultimamente deliberado n'uma reunião de classe, que todos os creados usassem bigode acabando d'esta maneira a velha usança dos *desbarbos*.

A lembrança do sympathico rapaz, que se chama David Sul da Costa, e é natural dos nossos sitios, S. Pedro do Sul, foi geralmente bem recebida notando-se uma certa satisfação entre aquelles a quem até ha pouco era prohibido apresentarem-se com cara de homem.

R.

Ministro da guerra

Damos a seguir os nomes dos restantes convivas que tomaram parte no banquete em honra do ministro e que não poderam figurar na lista publicada no numero passado:

Tenente coronel João B. Pereira Heitor de Macedo, major David Ferreira da Rocha, major José Domingues Péres, capitão Carlos Alberto da Paixão, capitão Jorge Agnello Vianna Pedreira, capitão Herculano José Gonçalves Guimarães, capitão José Cardoso Pinto Queimada, capitão-medico Zeferino, tenente-medico Custodio Luiz de Oliveira Pessa, tenente-ajudante Antonio Lopes Matheus, tenente José Maria d'Oliveira Simões, tenente Antonio Ferrão, tenente Mario Mourão Gamellas, tenente Carlos Gomes Teixeira, alferes Brandão, alferes Cesar Amadeu da Costa Cabral, alferes João Luiz de Sousa Durão, capellão José d'Oliveira Moraes, Manuel Ferreira Viegas Junior, major Alfredo Adelino Saldanha, tenente Antonio Augusto de Moraes Machado, capitão João Sant'Anna Leiria, tenente Carlos Guimarães, tenente Antonio Calheiros, alferes Iberico Nogueira, tenente Carlos de Faria, alferes Joaquim da Costa Rebocho, capitão Rosa Martins, dr. Lopes Fidalgo, dr. Chaves.

O exercito e a nação

I

No presente momento em que uma illustre commissão d'officiaes tem o patriotico encargo de proceder a uma racional organisação do nosso exercito, baseada nos solidos alicerces da defeza nacional, entendemos ser não pouco conveniente saber-se o que são as organisações d'alguns dos exercitos da Europa que, consoante a corrente já antiga das opiniões abalisadas, mais conveem á organisação militar do nosso paiz.

Entendemos ser este um assumpto importantissimo que a todos interessa, a todos ainda os mais contrarios. Prouvera que sempre assim tivesse sido.

Em Portugal, nos tempos idos, de bem triste memoria, as duas organisações militares de 1899 e 1901 foram sobretudo inuteis para a defeza do paiz. Tanto uma como outra cifram-se no nome dos seus autores, de sobejo bem conhecidos. Que o paiz não está sufficientemente guardado pelo seu exercito, sabe-o toda a gente, vê-se claramente, mas jamais n'esses tempos funestissimos alguem, de entre tanta gente que governou e administrou o exercito, podia ser capaz de tão arduo trabalho. Infelizmente, o paiz nunca chamou á responsabilidade esses homens bem conhecidos, unicos responsaveis de tão grande desventura...

No antigo parlamento, por vezes foram deixadas bem em evidencia as precarias condições em que o paiz se encontra, mas essas opiniões não podiam ser escutadas porque, provindo donde provinham, o destino não o consentia; Portugal lá se ia arrastando, como ha cem annos, á mercê do acaso e das allianças. Em 1810 foi o povo, foi a nação, ella só, que se salvou a si propria. Oxalá que assim seja sempre.

Mas o cidadão portuguez, fatalista e valente, nas vezes em que se tem tratado das organisações do seu exercito, encolheu os hombros e não se incommodou com isso. Portugal não morre, e na hora do perigo alguem surgirá a salval-o. E assim tem sido. E oxalá que assim seja sempre.

Ora, é para este desinteresse que hoje chamamos a attenção de todos, porque o exercito é da nação e para a nação, e não uma casta privilegiada onde impere a aristocracia agaloada.

Guardar d'est'arte o contacto com o grande publico, indicar-lhe que é a elle—civil ou militar, e não sómente a especialistas, que esta questão é offerecida, pois é da propria Nação que depende a realisação tão indispensavel da reforma do exercito, tal é o objecto que agora se pretende esboçar.

Tem-se por vezes debatido na imprensa e nas revistas militares nacionaes a questão fundamental, inicial, da base organica sobre a qual deverá assentar a formação e organisação do nosso exercito. Não ha systema como o da Suissa, dizem; que não é tanto assim para o nosso caso, dizem outros. Sem duvida, que as differenças de caracter e educação dos dois povos, suisso e portuguez, são profundas. Discorra cada um como entender, e entretanto repare-se n'este facto inicial, basico, da—Organisação militar da confederação suissa. Instrucção preparatoria:

«Os cantões providenceiam em que a juventude masculina receba, durante os annos de escola, um ensino da gymnastica proprio a preparal-a para o serviço militar. Este ensino é dado por mestres instruidos para este fim nas escolas normaes dos cantões e nos cursos para mestres de gymnastica instituidos pela confederação, que exercerá a alta vigilancia sobre a execução d'estas disposições.

A confederação auxilia todas as associações e todos os esforços prosecutivos do desenvolvimento corporal dos rapazes apoz a sahida da escola, e sua preparação para o serviço militar. Um exame das aptidões physicas terá logar na occasião do recrutamento.

A confederação auxilia igualmente as associações e todos os esforços que tenham por fim a instrucção militar preparatoria dos rapazes, antes da idade do serviço militar. Esta instrucção versará principalmente no ensino do tiro, e a confederação dá gratuitamente as armas, as munições e os demais artigos necessarios».

Tendo em consideração estes factos, perseguiremos n'esta modestissima contribuição.

J.

Tourada

Assim, sim. Assim vale a pena lá ir, apreciar e applaudir a correcção e arte dos tres amadores, que consideramos justamente mestres e distinctos. A escolha do sr. João Cal, do Porto, Francisco Rocha e Matheus Falcão, de Villa Franca de Xira, foi acertada e feliz proporcionando aos afficionados a apreciação d'um trabalho completo e correctissimo, nomeadamente o do sr. Falcão que constantemente ouviu merecidos e estrondosos applausos. A concorrencia talvez fosse prejudicada pelas borracheiras anteriores ali exhibidas. O sr. Alfredo Machado, cavalleiro, agradou e mostrou os seus recursos, embora fosse infeliz com o bicho que lhe coube, unico que não se prestou á lide, quando é certo que o resto dos animalejos satisfez, apparecendo alguns realmente bons.

O beneficiado magoou-se fora da praça quando montava, não podendo por isso trabalhar.

As honras da tarde couberam sem duvida, ao sr. Falcão, que teve pares distinctos, especialmente um *cambio* que foi soberbo, sendo applaudido com enthusiasmo pelos assistentes.

Muito bem.

UM PRIOR EM REVOLTA

Mais uma vez... o Pato!

Mais uma vez o famoso padre Pato deu de si. D'esta vez ainda para encommodar a sua freguezia, mas tambem para entrar na esquadra policial sob prisão, como qualquer dos parochianos que por sua causa e a seu pedido alli déram entrada n'outros tempos.

O caso foi simples. A junta de parochia resolveu suspender o garoto que á sombra de ser sachristão e zelador parochial é creado do Pato á custa da freguezia, por não ser capaz nem de confiança. Fazendo isto que foi justissimo, pois é uma vergonha para o povo d'aquella freguesia ter na sua egreja e nos seus serviços parochiaes um menor incompetente que já tem dado logar a alguns conflictos, a junta teve para com o Pato a immerecida attenção de lhe deixar a escolha do novo empregado.

Escolha na freguezia quem fôr da sua confiança!

Padre Pato, esbogalha os olhos e lança estaaffr onta ao povo e á junta: Não tenho ninguem da minha confiança na freguezia! bravo! bello pastor, bom cura d'almas que vivendo ha annos no meio d'um povo não tem n'esse povo uma só pessoa em quem confie! boa alma essa que assim trata o povo que o enriquece!

Mas Pato é intimado então pelo regedor para cumprir a dilebe ração da junta e Pato se nega durante alguns dias ao regedor, recebe a intimação, mas declara que não obedece

Entretanto não tem uma palavra para se defender, nem apella para os tribunaes para fazer valer os seus direitos. Padre Pato, grosseiramente, irrespeitosamente, resmunga apenas—não obedeço!

Regedor participa ao administrador e administrador officia ao Pato. Pato não responde n'outro officio, nem allega respeitosamente, os seus direitos. Resmunga apenas novamente esbogolhando os olhos e esgueirando-se pela residencia dentro—não obedeço!

O dr. Diniz Severo, então, resolve ir ouvir o Pato e dar-lhe as suas ordens. Convida-o a transigir e sanar o conflicto pacificamente junto da egreja e Pato responde assim: eu não obedeço. Nem entrego chaves nem quero saber de officios ou ordens da auctoridade!

—Mas o sr. é um funccionario civil e a Republica obriga todos os seus funccionarios a cumprir... diz o dr. Diniz Severo, pacientemente.

—Eu não quero saber de auctoridade nem de Republica. Não discuto consigo, nem lhe obedeço. Escusava até de cá vir que eu já não obdeci ao seu officio, e olhe que não tenho mêdo da sua pessoa. Mande-me para a California a ver se faço caso da auctoridade!... ah! ah! ah! e Pato acompanhando estas insolencias de gestos de escarneo, fazia ribombar as suas *pataes* e irritantes gargalhadas.

Já não era a desobediencia que poderia ser discutivel; isto era a insolencia, o desacato ao administrador e commissario da policia, a falta de respeito á propria auctoridade. O dr. Diniz Severo, prendeu então o Pato e trouxe-o até á esquadra, onde n'um calabouço commodo e discreto o manteve durante quatro horas, com o fim de o envíar para juizo dentro do prazo legal.

Por fim Pato entregou a chave ao dr. Diniz Severo que d'ella fez depositario o sr. padre Antonio Silva, que ficou encarregado de se entender com a junta de parochia.

Como se vê não houve aqui nenhum excesso da auctoridade; o que houve foi da parte da auctoridade uma benevolencia e uma cordura extrema, e da parte do Pato um desacato, uma rebelião, uma falta de respeito á auctoridade que devia ser punida, porque por menos se castiga o garoto da rua que desrespeita um simples guarda da policia.

Os operarios de Aveiro

Confirmam-se os boatos de uma proxima reunião dos trabalhadores de Aveiro para reforçarem a organisação existente.

Parece que brevemente effectuará uma palestra sob o thema—*A Revolução e o operariado*, sendo um operario socialista, que largos annos viveu no estrangeiro e que bem conhece as questões operarias, quem tomará esse encargo.

Ao "Correio de Vagos,,

Como este nosso collega está sempre prompto a responder-nos, e como apregôa que póde fallar de *pápo*, em questões camararias, pedimos-lhe a fineza de nos esclarecer sobre um assumpto que diz respeito á ultima vereação. E' o seguinte:

Porque carga d'agua deu a vereação transacta a quantia de 25$000 réis a um homem que regou as 14 arvores da Praça Municipal, quando esse serviço costumava ser pago por 2$000 réis?

A differença é grande e as regas foram poucas, pois não as regaram duas vezes por mez.

Poder-nos-ha responder o collega?

Era favor, pois não é nosso desejo que sobre os antigos vereadores caiam epithetos mal sonantes... e pouco honrosos.

1.º de Dezembro

Este dia já consagrado pelo calendario do governo republicano portuguez, como o destinado ao culto da bandeira e que nos acorda ainda no espirito a gloriosa revolução que nos liberta do jugo hespanhol, será este anno estrondosamente festejado pela mocidade estudiosa, os alumnos do liceu d'esta cidade, que tiveram a amabilidade, além do cartão de convite que agradecemos, de nos enviarem o seguinte programma:

Alvorada com musica e foguetes ás 6 horas e meia da manhã;

A' uma hora da tarde sessão solemne no lyceu, descerramento do retrato do dr. Theophilo Braga, fallando n'esse acto, presidido pelo sr. governador civil, os drs. Joaquim de Mello Freitas, Cherubim do Valle Guimarães e os srs. Alberto Souto, Ruy da Cunha e Costa e o presidente da academia.

Das 6 ás 8 da noite tocará no Largo da Republica a banda d'infanteria 24;

A's 8 horas organisar-se-ha a marcha *aux-flambeaux* tocando em seguida até ás 11 horas, no mesmo local, a banda dos Bombeiros Voluntarios.

O caciquismo e a instrucção

Lourenzo D'Adda n'uma conferencia feita em Milão dizia ao numeroso publico que por completo enchia a aula magna do lyceu Bucaria: Senhores: *manda a ordenança japoneza que, quando um regimento atravessa um povoado o coronel saude em primeiro logar, o mestre escola, e depois... a auctoridade administrativa.*

Era o Japão, o ainda ha pouco selvatico Japão que indicava á Europa petrificada o culto que um povo que quer ser livre deve prestar á instrucção.

Não ha governador civil ou administrador do concelho, alcaide ou perfeito de policia que n'esse maravilhoso paiz mereça mais consideração que um simples mestre escola.

E assim é que em meia duzia de annos esse povo intelligente e progressivo estabeleceu o *intercaulio intellectual* importando a litteratura dos paizes mais avançados e fazendo traduzir em diversas linguas as producções nacionaes. E quanto mais admiramos essa nação privilegiada, mais mesquinhos nos julgamos.

Não faltam felizmente ao povo portuguez, intelligencia e vontade, requisitos essenciaes para progredir e avançar.

Mas a monarchia que tudo lhe negou, tolhendo-lhe por completo os movimentos, não lhe consentiu que se instruisse porque só no *analphabetismo* via a sua razão de existir.

Ainda ha pouco n'um comicio realisado em Eirol o povo sedento de instrucção pediu aos oradores republicanos que lhe fornecessem jornaes. E era ainda esse povo ignorante e composto quasi exclusivamente de analphabetos, que, mais tarde, implorava aos mais instruidos, que lhe lessem as noticias do movimento de 5 de outubro, por que alguma coisa de nobre, alguma coisa de heroico, elle antevia n'esse movimento emancipador que redimiu a patria pela Republica. Grande e admiravel povo esse que ainda ha pouco solicitava do seu *cacique*, d'aquelle que pela arreata o levava á bocca da urna, exigindo d'elle *tudo* e nada lhe dando que representasse um sacrificio pessoal, a creação de uma escola para adultos, sem encargos de maior para o Estado, pois que possuia um edificio apropriado. Mas a resposta d'esse immoralão ficará gravada para sempre com o ferrete da ignominia.

O *cacique*, o desmoralisado *caciqus*, aconselhava o povo a não offerecer o edificio escolar porque ficaria sem elle. Sem querer, condemnava o regimen que defendia.

Guerra ao cacique! Deve ser a divisa do partido republicano e implicitamente a de todos os governos da Republica.

Mau por indole e desmoralisador por systema, o *cacique* é e será sempre o maior inimigo das instituições vigentes se lhe não tirarmos a influencia, inutilisando-lhe a sua obra.

E o bom povo portuguez que a corrupção ainda não attingiu saberá, convenientemente educado e orientado, honrar com o seu civismo e espirito de desinteresse essa meia duzia de bravos que em 5 de outubro, deu um golpe decisivo no arbitrio, na corrupção e no roubo. Em troca a Republica dár-lhe-ha uma administração honrada e condigna e diminuir-lhe-ha quanto possivel as agruras da sua situação economica. A' lei do inquilinato ultimamente publicada seguir-se-ha a que deve regular o pagamento da contribuição da renda de casas, a que organisará as bolsas de trabalho e tantas outras já annunciadas que virão enriquecer a já hoje prodigiosa obra da Republica. Para que o cumprimento de todas as leis seja respeitado é necessario porém diminuir quanto possivel o numero dos analphabetos para que de cada portuguez se faça um cidadão consciente, com o conhecimento perfeito dos seus direitos.

Toda a propaganda deve pois ser encaminhada n'esse sentido, para que possa fructificar o desinteresse, a abnegação e o patriotismo de todos aquelles que a esta santa cruzada mais se teem dedicado.

Ruy da Cunha e Costa.

O Xandre

Este sustentaculo das instituições monarchicas que tanto se salientou deitando cá para fóra postas de convicção na razão directa d'aquelles que usufruia, não era só contador da Relação de Lisboa como todos julgavam, mas segundo se descobriu á ultima hora, tambem fazia de inspector sanitario pelo que devorava 40$000 réis mensaes! A administração monarchica, essa falperra de manto e corôa, atirava assim á rua o dinheiro do povo! Por isso o *Xandre* defendia o patrão com tanto calor, tendo feito a figura que todos sabem na Fogueira e vindo a Aveiro amesquinhar-se na defeza do *Pulha d'Aveiro!*

Sessão da Commissão Administrativa Municipal d'Aveiro, de 23 de Novembro de 1910, 1.º da Republica

Presidencia do cidadão dr. André dos Reis, assistindo o administrador do concelho, dr. Diniz Severo de Carvalho, e os vogaes Alfredo Castro, Marques d'Almeida, Francisco Picado e Pinho das Neves.

Acta approvada, presentes e deferidos os seguintes requerimentos:

De Manuel Antonio Rodrigues Barbosa, proprietario, da Povoa do Paço; Luiza Gaspar, lavradora, de Taboeira; Francisco Rodrigues Valente, da Forca; Antonio Duarte, proprietario, de Cacia; Agostinho Simões Ramos, de Sarrazolla; Antonio Fernandes Rangel, d'Arada; e Antonio da Maia, proprietario, de Mataduços, todos para construcções;

Manuel André Pereira, de São Bernardo; Manuel Emilio, casado, da Quinta do Picado; Joaquim Nunes Genio, casado, da Quinta do Picado; Amandio Nogueira de Figueiredo, da Vera-Cruz; e Maria José dos Santos, do Paço, para attestados de pobreza.

Foram depois presentes:

Officios de cumprimento e adhesão ao novo regimen dos cidadãos Duarte Mendes da Costa e Antonio Pereira, respectivamente director e professor da Escola de habilitação para o Magisterio Primario;

do *Gremio Liberdade e Progresso* e da commissão interessada em que o ex-tenente Alfredo Djalme seja novamente julgado para a reabilitação moral a que tem jus, solicitando a adhesão da camara ao movimento que se inicia para a revisão do seu processo, resolvendo ella prestal-o, convencida como está da innocencia do condemnado;

do vogal da commissão municipal João Affonso Fernandes, declarando prevalecerem ainda as razões que o afastaram dos serviços municipaes pelo que, sentindo-o, a commissão resolveu chamar o vogal que tem de o substituir;

do Governo Civil do Districto, chamando a attenção da commissão para o decreto que manda proceder ao recenseamento da população, para que no proximo orçamento seja incluida a verba necessaria para esse serviço;

do presidente da Academia Aveirense, agradecendo a prompta satisfação pela camara dada ao seu pedido anterior, pedindo a alteração da hora a que deve accender-se a illuminação no 1.º de Dezembro, que deverá ser das 8 ás 11, e convidando a camara para assistir á sessão solemne que a mesma Academia realisa no edificio do lyceu. A commissão resolveu deferir;

a nota da existencia de fundos no cofre da camara e do Asylo, sendo os primeiros na importancia de 144$28[illegible] réis, em saldo; e os segundos na de 32$573 réis.

A commissão tomou por fim as seguintes deliberações:

Convidar a imprensa local para verificar pelos documentos existentes na secretaria a forma legal por que a commissão fez na sua sessão anterior a adjudicação do fornecimento dos seus impressos ás officinas typographicas do *Campeão das Provincias*.

Levantar da Caixa Geral dos Depositos a quantia de 128$940 réis que alli tem do seu fundo de viação.

Tornar publico que o transporte de juncos descarregados no Alboy só póde ser feito, d'aqui por deante, pelas ruas da Liberdade e estrada dos Santos Martyres ás Pombas.

dar cumprimento immediato á de-

liberação que manda collocar uma grade de resguardo junto do edificio do correio na Praça da Republica, annunciando por editaes que recebi, dentro de 15 dias, propostas para a execução d'esse trabalho.

O cidadão presidente deu conta, por fim da missão de que, com representante da cidade fôra encarregado na sua ida á capital, onde com o cidadão vice-presidente, foi recebido com todas as attenções pelos illustres ministros do Interior e do Fomento, bem como pelos brilhantes democratas, drs. Manuel d'Arriaga, Magalhães Lima e Eusebio Leão, que lhes prometteram todo o seu patriotico esforço em favor d'esta terra, não só na questão da nova divisão administrativa, mas em todas que do futuro se ventilem e em que haja a promover os interesses locaes.

Com o sr. ministro da Justiça não tiveram occasião de fallar mas deixaram encarregado de apresentar-lhe os seus respeitos o nobre Governador Civil do districto.

A commissão ouviu e registou com prazer estas declarações.

A FARÇA NA COMMERCIAL

Um "truc", ridiculo — a palma do martyrio

A ida a Lisboa das commissões que junto do ministro foram apresentar a justiça e o direito que tem este districto á sua conservação, na futura reforma administrativa, deu logar a varios incidentes e mais uma vez ficou consignada a má fé e a vontade com que alguem, tudo conspurca com a politiquice nojenta e detestavel.

O centro republicano primeiro e a associação commercial depois, nomearam as suas commissões para irem á capital defender os interesses do districto, suppostamente condemnado a desapparecer.

Convidada a commissão republicana, visto que partia primeiro, a aggregar-se á da associação commercial no acto da exposição ao respectivo ministro, promptamente annuiu tendo um dos seus membros, o sr. Antonio Augusto da Silva ido esperar a chegada d'esta á 1 da madrugada, para prevenir a hora já aprazada pelo ministro, para a recepção.

Nada mais leal nem mais correcto. Correspondendo a esta lealdade, escondeu o presidente da commissão commercial as suas intervistas já resolvidas com dois filhos d'esta cidade, os drs. Magalhães Lima e Cunha Costa e ainda com o general Moraes Sarmento. Talvez o receio de que a commissão republicana ouvisse quanto este digno e distincto militar disse á commissão, evitasse para ella o convite da sua presença. Esse brioso militar disse que tendo sido franquista em principio, por suppor que João Franco com as suas promessas e com o seu programma salvaria o paiz, d'elle se afastou logo que os factos demonstraram o contrario.

Trabalhava hoje pela Republica, por que ella representava a unica solução salvadora para o seu paiz, considerando um criminoso todo aquelle que assim não procedesse.

Estas palavras, porém, parece que pouco effeito produziram no espirito faccioso do presidente de essa commissão, Jayme Duarte Silva e d'outros que declaravam sem rebuço, uma pretendida superioridade nas pessoas que constituem essa commissão e ainda na influencia mais proveitosa para o assumpto por ellas tratado.

Um dos membros d'essa commissão, que n'ella tomou parte como patriota e não como politico, o sr. Macedo, a quem dois dos seus companheiros tiveram a imprudencia de censurar os correligionarios d'aquelle cidadão que constituiam a commissão republicana, repelliu a insinuação e teve palavras de justificada reprovação para os mesquinhos interesses e condemnado sectarismo dos que, devendo esquecer politica, se deviam lembrar apenas do amor devido pelos beneficios para a sua terra. Como bons correligionarios e amigos do sr. presidente, transmittiram-lhe estas apreciações, que após a narrativa do facto da commissão na capital, Jayme Duarte Silva tomando folego e mudando de entoação de voz, fez queixa á assembleia de quanto o maltrataram e *erradamente* interpretaram os seus sentimentos de grande patriota, pedindo ao sr. Barreiros que justificasse as apreciações que a esse respeito fizera, apresentando o pedido da exoneração do cargo que alli exerce.

Começa aqui a farça e o grosseiro *truc* preparado e ensaiado por todo o elenco da companhia!

O sr. Domingos Leite produz um sermão de lagrimas, enchendo a bocca com os grandes serviços prestados pelo *senhor doutor*, lamenta o *grave incidente* e dá a palavra ao sr. Macedo para dizer da sua justiça, que prompto começa a historiar os acontecimentos, clara, terminantemente.

Meia duzia de palavras ditas, e quando o sr. Macedo affirma, com grande energia que a Associação Commercial fôra sempre um coio politico, o sr. presidente violenta e indelicadamente cortou a palavra ao sr. Macedo e abafando toda a discussão propõe um voto de louvor ao sr. Jayme Duarte Silva, que não sendo commerciante, é todavia, presidente d'essa associação commercial, os *thalassas* presentes approvam e assim foi concedida a palma do martyrio ao famigerado Jayme Duarte Silva, que por nada conhecido se não confronta!!!

Que ridicula farça. Se lá estivessemos teriamos lido ao sr. presidente umas apreciações que em tempos, n'um seu jornal o referido Duarte Silva fez do caracter e da pessoa do sr. Domingos Leite!!!!

Voltaremos ao assumpto.

Originaes

Por absoluta carencia de espaço, ficam-nos alguns de remessa para o proximo numero e entre elles, um referente aos comicios de Eixo e Oliveirinha.

Desculpem-nos.

Festa civica em Cacia

Sr. redactor:

Tendo eu lido no seu mui apreciavel o *Democrata* a iniciativa d'uma grande festa civica na freguezia de Cacia, não posso deixar de applaudir tão patriotica ideia, pois essa festa a realisar-se é d'uma alta importancia para a mesma freguezia, que assim a vae tornando cada vez mais popular e conhecida no exterior.

A ideia é nobre, e creio bem que nenhum filho de Cacia se recusará a dar qualquer quantia, para esse fim, visto ser a primeira festa civica que ali será levada a effeito.

Concordando com o que expõe o sr. Jorge no seu programma, sou de opinião, que qualquer quantia que possa sobrar das despezas da dita festa, seja distribuida por 25 ou 50 pobres dos mais necessitados da freguezia.

Tendo eu consultado alguns filhos de Cacia aqui residentes, os mesmos são de opinião que a festa se realise; portanto o auctor d'estas linhas desde já se offerece para auxiliar a digna commissão dos festejos no que poder e estiver ao seu alcance, n'esta cidade.

Oxalá que todos os Cacienses se compenetrem de um certo grau de patriotismo e se consagrem a um ideal puramente patriotico, ajudando a engrandecer a terra onde nasceram.

Agora que gosamos, felizmente, a liberdade em pleno regimen republicano, devemos seguir tradições mais modernas e por isso devemos deixar de fazer festas a bonecos que nenhum valor tem, portanto que sirva de inicio para o futuro a proxima festa civica na nossa querida terra.

Pará, 26—10—910.

J. J. Nunes da Silva.

Série d'artigos

A' pena d'um distincto official do nosso exercito, devemos a fineza da preferencia para a publicação d'uma série d'artigos, que hoje encetamos, sobre a organização do exercito dentro da Republica.

O assumpto é palpitante e o seu auctor possue todos os requisitos para tratal-a á devida altura.

A todos os nossos assignantes rogamos o favor de nos avisarem sempre que mudem de residencia e bem assim de fazerem acompanhar todas as suas reclamações do n.º da cinta do jornal.

Livros, Revistas & Jornaes

"A Aguia"

E' o titulo d'uma revista quinzenal illustrada, de litteratura e critica, que sahirá á luz, no Porto, sob a direcção do nosso collega Alvaro Pinto, redactor da *Patria*.

Os pedidos de assignatura ou outra quaesquer correspondencia podem ser dirigidos desde já, provisoriamente, para a rua da Rainha, 674.

ODISSEIA D'UM CARBONARIO

Não duvido acreditar que os leitores do *Democrata*, se por acaso teem dado pelo meu silencio após a gloriosa proclamação da Republica Portugueza, tenham supposto que esse gigantesco successo me emmudeceu, ou que alguma granada me despedaçou para sempre a modesta penna. Não, meus amigos! A Republica para triumphar não necessitou de cimentar-se no meu sangue estuante de rebeldia e de sagrado amor da Patria. O constante anceio da minha vida, de alguns annos para cá, foi cruelmente mallogrado. A revolução, que a toda a hora eu preconisára, para a qual com afan conspirei, rebentára subitamente na madrugada de 3 para 4 d'outubro, sem que o aviso prévio, que sempre esperára, me chegasse a tempo de correr pressuroso á capital e subir decididamente á barricada da morte ou da gloria.

Em tratamento thermal em Vizella desde 15 de setembro, d'alli sahi em 30 do referido mez a caminho de Ovar e da Figueira da Foz, de visita a uns parentes e amigos, para regressar a Lisboa em 4 de outubro á noite. Em 4 de manhã na Figueira, recebera um telegramma do meu collega na Carbonaria Alberto Emilio Meyrelles, convidando-me ir a Lisboa por um *caso urgente*, que *convencionalmente* eu sabia ser o começo da revolução. Esse telegramma expedido ás 3 da tarde do dia 3 para a *Posta Restante*, só me fôra entregue na manhã de 4, pois só n'esse dia, chegado á Figueira, á *Posta Restante* me dirigi. Ah! meus amigos, como eu estava longe de prevêr o sudario de torturas moraes e phisicas, que se iria desenrolar na minha frente durante os longos e tortorosos dias 4, 5, 6 e madrugada de 7, até que, sahindo de Villa Franca n'uma canôa, me foi dado chegar, ás 11 horas da manhã, a Lisboa!!

Surprehendido pelo telegramma do Meyrelles que, certamente por ter sido avisado tarde, tão tarde a mim o fizera, corri logo a arranjar um automovel que me quizesse transportar á *patria cidade*, onde pela primeira vez enxerguei a aurora da vida e onde quizera, ao redimil-a e a toda a terra lusa, exhalar se mystér fôra, o derradeiro alento. Baldado empenho. O chauffeur da garage particular, ao qual me dirigira, informava-me que só de Coimbra viria um, e que mais avisadamente andaria esperando o *Sud-Express* da noite que ás 10 horas e 50 me conduzia a Lisboa. Noticias de lá nenhuma havia. Jornaes, nenhum me chegava ás mãos! Estaria já a revolução na rua? Seria na madrugada seguinte o seu inicio! N'esta duvida, cruciante e horrorosa, marcho para Alfarellos em trem a tomar o tal *rapido*. Alli informam-me que as linhas de Pombal e de Bombarral para baixo estão cortadas e que nem automoveis entram em Lisboa, pois já ha 18 horas que a revolução anda nas ruas e ha bandos de revolucionarios pelas estradas impedindo o proprio transito de automoveis. E' então este o momento de maior desespero da minha vida, chego a offerecer um conto de reis a pagar em Lisboa! se o chefe da estação me descobrisse n'aquella hora um automovel que vertiginosamente corresse á capital, onde a familia corria perigos, onde os meus camaradas revolucionarios, como eu, jogavam talvez a vida, a liberdade e o futuro! Nenhum me appareceu. Loucamente salto para o comboyo da Amieira, por me terem dicto que pela linha das Caldas mais facilmente chegaria a Lisboa. Ao chegar á Amieira encontrei-me com o meu dedicado correligionario Manuel Nunes Pereira, de Cacia, pae de Manuel Dias Ferreira, meu camarada na barraca *Phebus Moniz* da Lapa, e que certamente, dada a minha involuntaria ausencia, tomara a chefia d'aquelle grupo revolucionario, a que eu presidia.

Nunes Ferreira, e familia, bem como um camarada, carbonario de Queluz, como eu, surprehendidos pela revolução, em pleno regresso a Lisboa, uniram-se-me serenavam-me n'aquella hora de innarravel dor moral, tanto quanto póde serenar um revolucionario por temperamento mais *revolucionario* ainda do que republicano. Voltamos a pernoitar na Figueira. Conciliar o somno não foi possivel nem possivel por simples simples segundos. De manhã embarcamos para as Caldas da Rainha, sem novas da Republica. Era o dia 5. Ao chegarmos aquellas thermas ainda ninguem sabia que a bandeira verde e vermelha tremulava ovante na capital do seu paiz. Procurei com ancia um outro automovel (minha fanatica preoccupação). Apenas soube que o sr. dr. Bernardino Machado 2 horas antes havia partido n'um para Lisboa e que á noite, o *chauffeur* que o levara, se promptificaria a fazer-me o mesmo. Descancei um pouco, uma tenue esperança me bafejou.

Eram 9 horas da noite, regressa o tal automovel e traz-nos a nova da proclamação da Republica. Nunes Ferreira, Silva, etc choram de alegria. Tortura-lhes tambem o coração a incerteza pelo destino dos filhos, sabiam combatendo em Lisboa mas a victoria do ideal anima-os um pouco.

Mas... eu era *mais egoista!* A victoria da Republica, para que negal-o? enchia-me a alma de fecundante alegria, mas impedido como fôra pela fatalidade do destino, de expôr meu peito ás balas realistas, dando mais esse resto de esforço para o combate á monarchia devassa e odiosa, não me sentia *bem victorioso*. São ass'm os temperamentos rebeldes, não porque sejam mais corajosos do que os outros, mas porque, vivendo do fogo sagrado e impetuoso da rebeldia, só consideram gloria, o combate com as forças proprias, perante o inimigo decidido e bravo. Além d'isso o meu caso era outro bem differente do de muitos revolucionarios, áliaz de temperamento identico e quiçá superior em rebeldia ao meu. Ha 2 annos seguramente que o meu sonho era a Revolução, não só pelo prazer de ajudar a redimir uma patria, que era a minha amada terra de Portugal, mas pela certeza que julgava ter de que, n'esse heroico rasgo de rebelião, a minha vida serviria de alicerce á rehabilitação d'um povo, ao resgate de cinco milhões de homens bravos e dignos, mas escravisados e roubados por uma despotica minoria.

Morrer ao som harmonioso da Portugueza, aos gritos estridentes de *Viva a Republica*, era o sonho constante, que de Inglaterra me fez partir em 4 de Julho ultimo para acudir ao toque a rebate de 14 de Julho, que me fez estar a postos em 19 d'agosto, sonho que se desfez ao saber a Republica vencedora e eu, a dois passos de Lisboa, impedido de dar na monarchia carcomida a ultima machadada!

Após terriveis encommodos e attribulações, em 7, de manhã, 2 dias depois da proclamação, cá chegámos, tendo vindo, como atraz digo, n'uma canôa de Villa Franca para aqui.

A minha familia estava felizmente sã e salva. Os meus camaradas dos grupos carbonarios de Lapa haviam tambem, felizmente escapado ás ballas da municipal e da artilharia de Queluz.

Companheiros do heroico Machado Santos no ataque a infantaria 16 haviam sido tambem do meu grupo Manuel Dias Ferreira, Eugenio Vasques, Manuel Cavallinho e outros, que na Rotunda se bateram heroicamente. Alberto Emilio Meyrelles organisador de 4 barracas carbonarias, portara-se tambem com inexcedivel heroismo ao lado de Machado Santos e companheiros.

Fôra no meio da minha desolação, por não me ter encontrado a seu lado n'essas horas de anciedade e febre vermelha, um grande alivio saber que os companheiros de uma lucta de 2 annos, d'instante a instante, estavam cercados de gloria e vencedores.

A Barraca *Phebus Moniz*, de que foram tambem cooperadores dedicados, o dr. Eduardo Shultz, Julio d'Almeida e Manuel Bandeira Fialho Gomes, este ultimo preso a caminho da revolução, tivera, é-me honroso constatar, representantes destemidos no movimento redemptor de 4 d'outubro.

Por agora finaliso a minha longa *odisseia*. Presto ao terminal-a sentida homenagem do meu respeito aos gloriosos mortos da Republica e englobo no sentimento de piedade todas as victimas da Revolução de 4 d'outubro.

A Patria, mãe de todos os portuguezes, a todos irmana no mesmo amôr e no mesmo abraço, com excepção manifesta dos traidores e renegados.

Fernando Antonio Carneiro.

Communicado

Ao sr. director dos correios do districto

O serviço que ao publico está prestando o empregado da estação telegrapho-postal da Mealhada é pessimo.

Muitissimas são as vezes que o empregado da estação telegraphica d'esta freguezia está de castigo ao apparelho a chamar o empregado da Mealhada sem este o attender, difficultando assim a transmissão rapida dos telegrammas que se expedem.

Como v. ex.ª não ignorará, esta estação está ligada com a de Coimbra, sendo preciso a passagem pela Mealhada, cujo empregado não está decerto ao serviço, e se está patente na estação falta muito aos seus deveres, pois estando o empregado da Palhaça a chamar aquelle da Mealhada 1 hora e 50 minutos este nem sequer lhe diz: —*espere.*

Pois uma hora e 50 minutos é o menos tempo que o empregado da estação da Mealhada entende ser preciso para dar communicação para a estação seguinte!

Isto acontece quasi sempre que da Palhaça ha serviço; e ha dias o sr. dr. Manuel Francisco Simões esteve na estação com um telegramma para expedir, e como esperasse hora e meia sem da Mealhada attenderem o empregado d'aqui, desistiu da expedição do mesmo telegramma, causando-lhe isso, segundo consta, forte transtorno.

Casos d'esta natureza que se provam com a escripturação do empregado que deve, certamente, resalvar a sua responsabilidade, e com testemunhas, repugnam e devem merecer uma certa attenção que v. ex.ª senhor director, deve ter com aquelle empregado, o que eu espero da muita bondade e zelo de v. ex.ª.

Palhaça, 21—11—1910.

Manuel de Mello.

Agradecimento

Os abaixo assignados julgam ter agradecido a todas as pessoas que se dignaram acompanhar á ultima morada o seu querido e sempre lembrado pae e sogro, Antonio Francisco Teixira, bem como a todas aquellas que lhe enviaram o seu cartão de pezames, mas podendo haver alguma falta involuntaria, vêm por este meio novamente agradecer a todas ás pessoas que por qualquer fórma tomaram parte e compartilharam no grande desgosto porque acabam de passar, e a todos protestam o seu eterno reconhecimento.

Aveiro, 18—11—910.

Joanna Nunes Teixeira, Maria da C. Teiveira e Cunha, Rosa da C. Teixeira d'Abreu Freire, Beatriz Augusta Teixera, Manuel Francisco Teixeira, Ignacio Marque da Cunha, Antonio de Abreu Freire.

CORRESPONDENCIAS

Aradas, 22

A junta de parochia d'esta freguezia em sua sessão de 20 ultimo, resolveu entre outras deliberações pedir á camara auxilio para a compostura de alguns caminhos d'esta freguezia que se acham completamente intransitaveis.

==Parece que vae começar brevemente a syndicancia aos actos da junta de parochia anterior, onde consta haver graves illegalidades. Será bom que se apurem bem as coisas para ver se de futuro ellas se encaminham bem e os *mamões* acabam.

==Um padre da Gafanha que aos domingos diz missa na egreja de S. João d'esta freguezia, fez n'este ultimo domingo uma prelécção ao povo aconselhando a que fossem todos os de 15 annos para cima inscrevendo os seus nomes n'um livro a casa d'um carola novato que aqui ha, que dá pelo nome de *Chuquelhas*, se quizessem que as suas almas entrassem no reino da Gloria. Que grande mariolão! Será bom que as auctoridades ponham cobro a isto, obrigando este masmarro a entrar na ordem.

==O parocho d'esta freguezia canta victoria por ter desacatado as auctoridades e ter sahido da capoeira. A' sua chegada tocou a *cabra* da freguezia e era esperado pelo *trinta e quatro* e por todo o elemento disponivel da alquilaria do Antonio Bartholomeu.

Parabens pela imponencia da recepção!

C.

S. João de Loure, 18

Na primeira sessão da commissão parochial republicana foi deliberado abrir uma subscripção em favor das familias das victimas da revolução que implantou o novo regimen.

Applaudimos a ideia.

==Teve logar ha pouco o enlace matrimonial do sr. Eduardo Rodrigues Pinhão da Graça, de Fontes d'Alquerubim, com a menina Maria Emilia da Conceição Pereira, d'aqui.

Os nossos parabens.

==Fixou residencia em S. João, o sr. padre Francisco Lopes da Silva que era capellão da egreja da Senhora da Victoria, no Bussaco.

==Regressou de Lisboa o sr. José d'Almeida Primo que n'esta freguezia conta passar o inverno.

==Quebrou uma perna pelo que teve de recolher á cama a creada Rosaria, da sr.ª D. Maria Innocencia.

==Sabemos que está em perigo de vida um sobrinho do sr. Antonio d'Abreu Correia, do visinho logar de Loure.

==Foi atacado d'um insulto apopletico o sr. Marcelino Ribeiro, do Pinheiro.

==Trata-se de promover a remoção do cemiterio para o logar de S. Silvestre.

Já é tempo.

==Teem aqui sido lidas com interesse as correspondencias do Pinheiro que o *Democrata* publica.

E' bom que continuem.

==O tempo invernoso que vamos atravessando alagaram já os campos por completo.

C.

Pará, 6

Em vista da attitude acintosa com que o consulado portugues continuava a mandar içar no topo do mastro a antiga bandeira da defunta monarchia, o *Centro Republicano Portuguez*, resolveu telegraphar para o sr. Bernardino Machado e para o encarregado dos negocios no Rio de Janeiro, pedindo providencias as quaes se não se fizeram esperar muito tempo, pois no dia 31 de outubro o escudo portuguez foi retirado da fachada do consulado e a bandeira não foi mais içada.

==No dia 29 de outubro ultimo dimittiu-se das funcções de consul portuguez n'este Estado, dos quaes estivera provisoriamente investido, o sr. visconde de Monte Redondo, passando n'esse mesmo dia o exercicio d'aquelle cargo ao repectivo chanceller, sr. José Carlos da Rocha Franco.

C.

Albergaria-a-Velha, 16

Está por dias a separação da Egreja do Estado e o registo civil obrigatorio. Alguem aventou já o alvitre de nomear os parochos officiaes do registo. Novamente estariamos caídos nas garras aduncas de certos masmarros que embrulhavam os noivos n'uma meada tal de sellos e custas acobertadas em exigencias da camara ecclesiastica que, a muitos arrefecia logo o enthusiasmo de levar a franga ao arco da egreja! Posta em pratica tal ideia seria o proseguimento das mesmas extorções e escandalos que muitos parochos, senhores de pendão e caldeira na sua freguezia, exhibiam com manifesto desprezo dos que, por necessidade, a elles recorriam. Aqui do nosso parocho algumas se contam dignas de registo que medem bem até onde chegava a philancia d'estes enfatuados mandões. Quando alguem praticava o *nefando crime* de reproduzir a sua imagem em triste *filho das hervas*, e o levava á pia baptismal, este zelador da crença e moralidade alheias entendia que devia sanear o *escandalo*, castigando a infeliz mãe, estigmatisando o filho com um nome estrambotico, ridiculo como por exemplo: Pantaleão, sem respeito pela lei e dignidade humana.

Ora com que autoridade interferia este sr. Prior na escolha do nome de uma creança em cuja feitura elle não metteu prego nem estopa?... Que sentimento de vingança lhe escorria da alma para assim deprimir quem não teve culpa de vir ao mundo sob a proteção dos leis canonicas, mas sim sob a egide da mãe natureza, perante a qual todos são iguaes, inclusive os priores? Demais para evitar estes precalços a que todos estamos sujeitos, bispos e padres, o parocho digno d'este nome tem á mão um unico caminho a seguir — é dar o exemplo da castidade, profligar o vicio com bons conselhos, porque empregar a represalia, depois do cabaço arrebentado, é trancar as portas depois do roubo, porque já não ha colla que tal grude.

==Tem sido aqui apimentado de ridiculo a lista de protestantes que o patusco do Pinheiro Torres vem publicando na *Palavra*, contra as leis que elles alcunham de irreligiosas.

Ora é preciso acentuar mais uma vez que tão infames foram os jesuitas e as congregações que no nosso paiz subrepticiamente se foram introduzindo contra leis vigentes da monarchia fidelissima, como a malandragem politica que criminosamente as tolerava. Isto pelo que respeita ás leis antigas de Pombal e Aguiar não acatadas; agora quanto á lei do divorcio que lançou por terra o espantalho do vinculo indessoluvel do matrimonio, de pé fica para quem gosta, para quem for catholico de raiz, pois ninguem o força ao divorcio. O que se não póde admittir, po-

rém, e que centenas ou milhares de cretinos queiram obrigar perpetuamente á canga matrimonial quem não póde ou não quer por motivos ponderosos sujeitar-se a ella. Esta patacoada de marca maior só de autenticos cretinos ou carolas prejudicados na gamella,

Quanto á separação da egreja do estado nada mais rasoavel e conforme os principios da boa equidade. E' um acto de moralidade. Quem quer religião paga-a do seu bolso, pois, é brutal, é estupido que milhares de individuos sem religião, ou que professam outra differente da nossa, estejam custeando o luxo do culto e conservação das egrejas, pagando congrua e juros de inscripções é muito barrigana, afóra o contrapezo das amasias.

A consciencia dos cidadãos é liberrima em materia de religião, e fazer-lhe imposições n'este sentido é um crime. Com a nova ordem de cousas a religião só tem a lucrar, com o que padre pouco se importa, contanto que elle não perca. Ella purifica-se e aproxima-se mais do verdadeiro espirito evangelico, porque o parocho e o bispo deixam de ser fnnccionarios para serem apostolos, caracter que Christo lhe impremiu.

D'ora avante o padre deixou de ser um corrector á *divina*, um recoveiro que transporta almas para o ceu tarifadas a tanto por cabeça e pago pelo thesouro publico. Isso é baixo, é chatim e faz de um apostulado simonia infame que deve acabar por dignidade humana.

Egreja livre como o vinho na taberna. Quem quer bebe do tinto, e quem não gosta bebe do branco.

Palhaça, 17

A commissão parochial d'esta freguezia envia no proximo sabbado ao senhor ministro do Interior a seguinte representação:

Illm.º e Exm.º Sr. Ministro do Interior

Os abaixos assignados que constituem a commissão parochial da freguezia da Palhaça, do conselho de Oliveira do Bairro, vem perante V. Ex.ª representar, pedindo a mudança da assembleia eleitoral do logar de Bustos para o logar e freguezia do Troviscal, pelas razões que passam a expôr:

1.º—A freguezia do Troviscal é pela situação central, a unica que satisfaz aos requesitos de maior commodidade para os povos do Troviscal, Mamarrosa e Palhaça, que compõem a referida assembleia eleitoral.

2.º—O logar de Bustos onde actualmente se realisa a assembleia em questão nem sequer freguezia é.

Povoação situada no extremo do alto concelho e da propria freguezia da Mamarroza a que pertence, foi escolhida para sede da assembleia eleitoral pela imoralissima razão de ser feudo do visconde do seu nome, *cacique* eleitoral que alli mais facilmente podia levar a effeito as *burlas* eleitoraes do antigo regimen.

No sentido da maior commodidade dos povos, da maior justiça e da libertação da influencia perniciosa do referido *cacique*, vem a commissão parochial da freguezia da Palhaça solicitar de V. Ex.ª esta tão justa como necessaria mudança para a referida freguezia do Troviscal.

E. R. M.

(Seguem-se as assignaturas)

No mesmo sentido e dia representam as commissões municipal de Oliveira do Bairro e parochiaes da Mamarrosa e Troviscal.

O pedido é de toda a justica, não só porque está descentralisada bastante, mas tambem porque a assembleia, tal como está prejudica sobremaneira o bom andamento dos serviços eleitoraes.

C.

BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO MODERNA

Director—RIBEIRO DE CARVALHO

"A Egreja e a Liberdade,,

Acaba de iniciar a sua publicação em Lisboa, sob a direcção de Ribeiro de Carvalho, uma *Bibliotheca de Educação Moderna*, destinanada a fazer conhecer, em portuguez, as obras mais sensacionaes que forem apparecendo, em todos os paizes, sobre as questões politicas religiosas que estão transformando a actual organisação social.

E o livro com que foi inaugurada a Bibliotheca não podia ser de mais ruidoso exito. Trata-se de *A Egreja e a Liberdade*, ultima obra de Emilio Bossi, o famoso auctor do *Christo nunca existiu*, que tão grande voga teve entre nós.

O novo livro *A Egreja e a Liberdade*, agora traduzido em portuguez, é a historia das perseguições religiosas e da intolerancia sacerdotal, indo desde a Biblia até aos nossos dias—historia amassada em torrentes de sangue, em crueldades e morticinios tremendos. Commove-nos, quando narra as tragicas torturas da Inquisição. Enchanos de indignada surpreza, ao traçar o quadro da devassidão clericana Roma dos Papas. Dá-nos uma ideia do que é a organisação demais poderosa associação catholica, a Companhia de Jesus, quando nos mostra que foram os proprios jesuitas os auctores e mandatarios de varios regicidios, porque até o assassinio defendem e prégam, se é conveniente aos seus secretos interesses.

"Socialismo Anaquismo,,

E' este o titulo do segundo volume da Bibliotheca. Constitue um estudo, completo e claro, ácerca d'estas duas doutrinas sociaes. Pederiamos d'ar-lhe os seguintes sub-titulos, porque todos esses assumptos são tratados no livro:

O que é o socialismo—A sua origem, os seus diversos systemas e doutrinas—O que querem os socialistas—A sociedade futura—A suppressão da miseria—A substituição dos exercitos e dos regimens penitenciarios—O casamento sem auctorização paterna e sem a intervenção da Egreja ou do Estado—O amor livre—Como se pode pôr em pratica o socialismo e a religião—A marcha incessante para a revolução—A união de todos os revolucionarios—A propriedade e o trabalho—A constituição da familia e do ensino—O que é o Collectivismo—O que é o Communismo—O que será a sociedade no dia seguinte ao da Revolução Social—O socialismo catholico é uma burla—Os progressos do syndicalismo.

O que é o anarquismo—A sua origem e os seus diversos systemas—O que querem os anarchistas—Opiniões dos seus maiores escriptores—A liberdade integral, aspirações dos verdadeiros revolucionorios—O internacionalismo ou união de todos os povos—A evolução da ideia de patria—Os martyres do anarchismo—Os socialistas-anarquistas portuguezes—A Anarchia é o complemento do Socialismo.

Como se vê, o **Socialismo e Anarquismo**, segundo volume da *Bibliotheca de Educação Moderna*, é uma obra que estuda e esclarece aquellas duas doutrinas, tornando-se indispensavel a todas as pessoas que desejam instruir-se e que se interessam pelas modernas questões sociaes.

"Descendemos do macaco?,,

O terceiro volume é tambem um livro, interessantissimo, com este titulo: **Descendemos do macaco?**

N'elle se trata, com uma clareza maravilhosa, o problema da origem do homem. Na verdade, estas perguntas preoccupam todos os espiritos. De onde descendemos? Qual a nossa origem? Como appareceu sobre a terra o primeiro homem?

Desfeitas pela sciencia as ingenuas tradições espalhadas pelo Christianismo, foi preciso estudar o problema tão ruidosamente enunciado pelas theorias de Darwin. Foi assim que Denoy, um sabio illustre, explanou essas theorias, dando-nos um livro admiravel, claro e imparcial, cujo titulo é tambem uma pergunta: **Descendemos do macaco?**

Affirmou um outro sabio, não menos illustre, que é preferivel desceder d'um macaco aperfeiçoado do que de um homem degenerado. Seja como fôr, este estudo é interessante e de um valor indiscutivel, pois a origem do homem decide do seu destino. De onde viemos? O que somos?

A estas perguntas, que devem torturar todo o homem consciente, responde o livro do sabio escriptor Denoy, agora traduzido para portuguez—livro cujo titulo suggestivo é este: **Descendemos do macaco?**

—(*)—

Preço de cada livro: brochado, **200** réis. Magnificamente encadernado em percalina, **300** réis.

A' venda em todas as livrarias. Remette-se, tambem, pelo correio, para todas as terras da provincia, Africa e Brazi. Pedidos á **Livraria Internacional**, Calçada do Sacramento, ao Chiado, 44—Lisboa.